

Informativo **O SEMEADOR**

Supremo Conclave do Brasil para o Rito Brasileiro de Maçons Antigos, Livres e Aceitos



Rio de Janeiro/RJ | Fevereiro de 2024 | 46ª Edição | 10ª Edição da 3ª Fase | Distribuição Gratuita e Online

55 ANOS

UMA HISTÓRIA DE CONQUISTA E SUCESSO

Mestre da Justiça: O Livro de Isaías e o Sermão da Montanha

O Eminentíssimo Ir. William Eustáquio da Silva, discorre em uma reflexão sobre o Grau 9 Mestre da Justiça em uma comparação entre o Livro de Isaías e o Sermão da Montanha.

Pág. 3

17 Fev 1941: 83 anos de história

O Sereníssimo Ir. João de Vincenzo Neto realizou uma pesquisa aprofundada sobre os trabalhos maçônicos realizados por Irmãos que nos antecederam, na Fundação do Conclave do Servidor da Ordem e da Pátria, entre os anos de 1940 e 1941.

Neste pequeno artigo, o Irmão apresenta parte de seu trabalho de pesquisas, que ainda está em desenvolvimento.

Pág. 2

Reflexões: O Banquete de Migalhas e Um Profano Dentro do Templo

O Ilustre Ir. Hilquias Paiva Scardua traz dois artigos, o primeiro texto é um estudo sobre as migalhas de reflexões, já o segundo texto traz uma reflexão sobre 'Profano' dentro do Templo.

Pág. 4

As Romãs

O Eminentíssimo Ir. Jorge Tadeu Vieira Lourenço disserta sobre a universalidade maçônica em sua simbologia representada pela Romã.

Pág. 5

Coluna Você Sabia?

O Editor do O Semeador traz curiosidades sobre o Rito Brasileiro, históricos do que usamos em nosso dia a dia e que deixamos passar despercebido. Fique sabendo e leia a coluna.

Pág. 2

SUPREMO CONCLAVE DO BRASIL
PARA O RITO BRASILEIRO

INAUGURAÇÃO | **CASA DO RITO BRASILEIRO**
19/03/2024 ÀS 19:00

RUA FONTES CASTELO N° 16 - USINA - RJ

SERÁ DISPONIBILIZADO TRANSPORTE PARA OS IRMÃOS QUE ESTEJAM HOSPEDADOS NO RIO DE JANEIRO, SAINDO DA RUA DO RIACHUELO 239, CENTRO, ÀS 18:00

www.supremoconclavedobrasil.com.br

CONFIRMAR PRESENÇA:
grandesecretaria@scrb33.org.br
(21) 3085-1694

Ajude a fortalecer o Rito Brasileiro: mantenha sua anuidade em dia

17 Fev 1941: 83 anos de história

✳ Neste último dia 17 de fevereiro completamos 83 anos do início da história do Supremo Conclave do Brasil.

Conforme trabalho de estudos e pesquisas realizado, através do pedido do nosso Grande Regente, iniciamos uma pesquisa aprofundada de documentos e referências do surgimento e primeiros passos do Supremo Conclave.

O ponto de partida, como é de conhecimentos de muitos é o Decreto nº 2.080, de 19 de março de 1968, o qual tem por objetivo a efetiva implantação do Rito Brasileiro junto ao Grande Oriente do Brasil, documento este exarado por nosso saudoso Dr. Álvaro Palmeira, enquanto era o Grão Mestre Geral do GOB.

Mesmo após esse documento inicial de estudos, o material ainda era exíguo sem um norte, pois ao longo dos 56 anos de história do Supremo Conclave muita coisa foi perdida, consumida por traças, subtraída dos acervos, entre outros.

Em um dia qualquer, do ano de 2023, em visita ao Supremo Conclave do Brasil, com sede administrativa na Rua Riachuelo, em dia de gravação de um Podclave, este Irmão que vos escreve ficou por horas olhando os materiais que compõem a Biblioteca e Museu do Conclave, quando em um armário trancado, com diversos rituais antigos por cima, a ponta de um Livro de capa dura me chamou a atenção, fui até a administração e solicitei a chave para ver o que continha naquele livro e para minha surpresa, era o Livro de Presença de 1940-1947 dos Irmãos que se fizeram presentes nas reuniões preparatórias, de Instalação e Ordinárias do Conclave dos Servidores da Ordem e da Pátria (S.O.P.).

Pois bem, mais uma pista significativa de estudos, que estava guardado sobre 7 chaves, abaixo de outros rituais históricos do Conclave foram a faísca que faltava para dar continuidade em pesquisas relacionadas à época.

Em diversas ocasiões, em conversas com os membros do Conclave, posso citar o Irmão Manssur Assafim, Juliano Coelho Braga e César Roberto Daniel Dourado citavam que o ácido escritor, já falecido, Kurt Prober sempre rondava o Conclave em busca de materiais para seu acervo pessoal (que segundo relatos, um dos maiores acervos maçônicos da história brasileira). Com tais informações em mãos, fui em busca de mais informações sobre isso, quando em contato com o Irmão Luis Marcelo Pedrozo de Almeida, do Vale de Itu/SP, que até onde sei, tem atualmente um dos maiores acervos maçônicos, de forma privada, e é um fã de carteirinha de KP, mantendo em suas prateleiras os Livros, Informativos e todo material

escrito por Isa Ch'an (condinome de KP para suas escritas). O Irmão Marcelo, prontamente me enviou foto das páginas do Livro Achegas, Volume II, onde seu escritor registra que está em posse do Livro de Atas original de 1940, da Fundação do Conclave dos Servidores da Ordem e da Pátria.

Infelizmente este Livro de Atas não está mais com KP, uma vez falecido, e quando de sua morte esses materiais foram adquiridos por outras pessoas deste Brasil - espero que isso não tenha sido destruído e que um dia volte ao seio e posse do Museu de quem é de direito. Desta maneira, temos que considerar, aquilo que foi escrito e registrado pelo escritor.

Além dessas referências, juntei diversos Decretos e Atos da época que demonstram o trabalho incansável daqueles que nos antecederam para criar, unir, difundir e fazer o Rito Brasileiro e o Conclave crescer em nosso território.

Há mais de 83 anos, diversos Irmãos, em pleno período de 2ª Guerra Mundial, se uniam para forjar os Servidores da Ordem e da Pátria e alicerçar o que hoje tem suas raízes fortes em todos os cantos de nosso Brasil. ✳



Sereníssimo Irmão João de Vincenzo Neto 33º,
Grande Secretário Executivo do SCRB.

INFORMATIVO O SEMEADOR

é uma publicação mensal do Supremo Conclave do Rito Brasileiro.

Jornalista Respons.: MTB nº 74.464/SP

Seu conteúdo poderá ser reproduzido desde que citada a fonte. Distribuição Gratuita.

Tiragem: Disponibilização online.

Sede do Conclave

Rua Fontes Castelo, 16, Alto da Boa Vista

Rio de Janeiro/RJ - CEP: 20531-150

Telefone: (21) 3085-1694

E-mail: osemeador@scrb33.org.br

Envie sua matéria por e-mail, para ser avaliada e publicada no informativo.

Nota do Editor

✳ Respeitáveis Irmãos,

Com alegria, publicamos "O Semeador nº 10 – fevereiro 2024.

Em mais um ano de prazeroso trabalho, em prol de nosso Rito, contamos com a participação de todos Irmãos.

T.: F.: A.:

Você Sabia?

Acoluna "Você Sabia..." pretende apresentar aos Irmãos e demais leitores e leitoras do periódico "O Semeador" alguns fatos e curiosidades sobre o Rito Brasileiro, a maçonaria brasileira e internacional.

VOCÊ SABIA...

... que a 1ª Convenção Nacional do Rito Brasileiro, foi realizada em outubro de 1974, no Rio de Janeiro.

VOCÊ SABIA...

... que em 9 de março de 1969, foi inaugurada, no Oriente de Duque de Caxias-RJ, a Escola Rural Maria Fontes, parte da obra social realizada pela Loja Duque de Caxias II, tendo em anexo, ambulatórios médicos e odontológicos.

VOCÊ SABIA...

... que em dezembro de 1914 é instituído, no GOB, pelo Grão Mestre Lauro Sodré, o Decreto nº 500, que dava conhecimento, aos Maçons e Oficinas da Federação, da aprovação, reconhecimento e adoção do Rito Brasileiro.

EQUIPE DO O SEMEADOR

Presidente de Honra
Álvaro Palmeira

Presidente
Nei Inocencio dos Santos
(21) 98950-1938

Vice-Presidente
Juliano Coelho Braga
(21) 98258-0568

Editor
Sérgio Lopes Gomes
(21) 99912-7946

Assessoria Especial
Alysson Frantz

Diagramação
João de Vincenzo Neto

Mestre da Justiça: O Livro de Isaías e o Sermão da Montanha

✳ No Grau 9, a Bíblia é aberta em um dos Livros Proféticos, especificamente no de Isaías.

O profeta é um homem escolhido diretamente por Deus para ser o mensageiro e intérprete de Sua palavra, a qual chega até ele por diversas formas, como em uma visão, pelo ouvido ou por uma inspiração interior, e é transmitida variavelmente, seja por trechos líricos, relatos em prosa, parábolas, sermões, escritos de sabedoria, salmos culturais, canções etc.

Sua mensagem raramente se dirige a um indivíduo e, em geral, é levada a um povo todo, e se refere ao presente e ao futuro, podendo ser pertinente a um acontecimento próximo, a um castigo como punição das faltas ou a salvação como recompensa da conversão religiosa (BJ, Introdução aos profetas).

O Livro de Isaías registra sua atividade em quatro reinados de Judá, sendo Ozias (783 a 742 a. C.), Joatão (742 a 735 a. C.), Acaz (735 a 716 a. C.) e Ezequias (716 a 686 a. C.), direcionada à acusação do pecado do povo de Deus, o qual se havia se rebelado contra aquele que o criou e o redimiu. Assim, tal profeta ordenou que esses homens reformassem seus caminhos e agissem de maneira obediente e anunciou o juízo de Deus sobre o povo por conta dos seus sacrilégios (BKJ, Isaías – introdução).

Para ele, o homem é um ser manchado pelo pecado, do qual Deus pede reparação, pois lahweh (nome em hebraico do Deus bíblico do antigo Reino de Israel, o qual, em uma das transliterações para a língua portuguesa, é equivalente a Jeová) exige a Justiça nas relações sociais e a sinceridade no culto que se lhe tributa (BJ, Introdução a Isaías).

Focando em Jerusalém, os versículos, em sua primeira metade (até o final do Capítulo 39), transmitem mensagens de punição e juízo para as heresias de Israel, Judá e das nações vizinhas.

Há críticas à hipocrisia, à infidelidade, à maldade, à violência e à injustiça social, pois as pessoas frequentavam o Templo, mas não se importavam com os menos favorecidos, como os órfãos e as viúvas: “Ai da nação pecadora! Do povo cheio de iniquidade! Da raça dos malfeitores, dos filhos perversos! Eles abandonaram a lahweh, desprezaram o Santo de Israel, e afastaram-se dele”; “Teus príncipes são rebeldes, companheiros de ladrões; todos são ávidos por subornos e correm atrás de presentes. Não fazem Justiça ao órfão, a causa da viúva não os atinge” (BJ, Isaías 1:4 e 23).

Por causa disso, esses fieis, embora levassem oferendas, realizassem holocaustos, fizessem

convocações de assembleias e orassem, não eram reconhecidos por Deus (BJ, Isaías 1:11-17).

No mesmo sentido, Isaías denuncia o comportamento dos ricos e dos latifundiários, dos que vivem em grandes festas custeadas pelo trabalho dos pobres, dos que exploram o povo negando-lhe a Justiça e dos que se fazem grandes e importantes vivendo em imponentes banquetes.

Especificamente no Capítulo 33, que trata da angústia e libertação de Jerusalém, Isaías pronuncia a destruição de um “traidor” (que destrói quando não foi destruído, que age traiçoeiramente quando não foi traído), que pode se referir ao líder de uma pátria que não cumpre os desígnios divinos.

No último capítulo do livro, há um relevante anúncio de Deus: “Eis para quem estão voltados meus olhos, para o pobre e para o abatido, para aquele que treme diante da minha palavra” (BJ, Isaías 66:2).

É de suma monta esclarecer que Isaías é considerado o maior dos profetas messiânicos porque indicou que o Salvador seria um descendente de Davi. Os autores do Novo Testamento mencionam suas previsões como sendo cumpridas nos grandes eventos relacionados a Cristo, com uma antecipação de aproximadamente 700 anos antes de seu nascimento. Eis seu prenúncio:

“Porque um menino nos nasceu, um filho nos foi dado, ele recebeu o poder sobre seus ombros, e lhe foi dado este nome: Conselheiro-maravilhoso, Deus-forte, Pai-para-sempre, Príncipe-de-paz, para que se multiplique o poder, assegurando o estabelecimento de uma paz sem fim sobre o trono de Davi e sobre o seu reino, firmando-o, consolidando-o sobre o direito e sobre a justiça. Desde agora e para sempre, o amor ciumento de lahweh dos Exércitos fará isso” (BJ, Isaías 9:5-6).

Bem, embora, no Grau 9, as Sagradas Escrituras sejam abertas no livro profético aqui comentado quando do início litúrgico dos trabalhos, é expressivo observar que, no decorrer da sessão de colação do Mestre da Justiça, o Rito Brasileiro também alude a outra passagem bíblica, qual seja, ao Sermão da Montanha, proferido por Jesus, tendo sido mencionado por Marcos e Lucas, mas se encontra mais bem detalhado por Mateus: “Felizes os que têm fome e sede de justiça, pois serão saciados” (BJ, Mateus 5:6).

Ele, vendo as multidões, sobe o monte e, quando dele se aproximam os Apóstolos (diga-se: os sucessores dos profetas do Antigo Testamento, recipientes e transmissores das revelações do próprio Cristo), pôs-se a ensiná-los com lições de

conduta ético-moral que normatizam a vida cristã, principalmente sobre o Reino de Deus.

O Bom Pastor protagoniza diversos exemplos relacionados à Justiça: à maneira de Isaías, quando expulsa vendedores e compradores que comerciavam no templo sagrado (BJ, Marcos 11:15-16), como interventor na execução do apedrejamento de uma mulher surpreendida em adultério (BJ, João, 8:7: “Quem dentre vós estiver sem pecado, seja o primeiro a lhe atirar uma pedra”) e, primordialmente, em seu julgamento, condenação e execução pelo governante da Judeia, Pôncio Pilatos (BJ, Mateus 27:15-38).

É perceptível o acerto do Rito Brasileiro quando, ao tratar do tema da Justiça, realiza a interrelação entre as duas passagens bíblicas transcritas, uma do Antigo e a outra do Novo Testamento: primeiro, a pregação de Isaías quanto à necessidade da observância das normas divinas e sua profecia quanto à chegada do Messias e, em seguida, a disciplina de Jesus, anunciando que não revogava a Lei (inclusive o Decálogo de Moisés), mas vinha dar-lhe pleno cumprimento, muito embora a Justiça que passa então a vigorar seja superior à anterior.

Das lições advindas do profeta e do filho de Deus, eis o que o Supremo Arquiteto do Universo espera do maçom neste patamar: que pratique a Justiça e fale o que é reto, que despreze o ganho explorador, que se recuse a aceitar o suborno, que tape os ouvidos para não escutar falar em crimes de sangue, que feche os olhos para não ver o mal, habitando, assim, nas alturas, onde os rochedos serão seu refúgio. Que ampare quem tenha fome e sede de Justiça, permitindo que o pão e a água de que necessite lhe sejam dados.

✳



Eminente Irmão William Eustáquio da Silva, 33º Assessor Especial Superior Conselho de Cultura

Banquete de Reflexões: O Eco das Migalhas

✳ Após inúmeras batalhas externas e internas, com resiliência, celebramos nossas conquistas. Ceiamos esses triunfos em banquetes opulentos ou, entre esses méritos, desfrutamos de um modesto banquete de migalhas. Solstícios próprios de um ciclo inevitável.

O pensador, outrora, ousava dizer que compartilhava um "Banquete de Migalhas", no qual o conhecimento era abundante; no entanto, reconhecia não ser digno de sentar-se junto aos Santos, aos gênios. Deste banquete, sob os pés da mesa, colhia as migalhas que oferecera.

Uso, de um banquete de migalhas, criar outro banquete. Vestígios do saber, do sabor, de tudo que testemunhei sob e sobre a mesa. Nela, vencemos nossos animais, dos zodíacos às feras assimiladas. Confraternizamos, espíritos ausentes e presentes, com o singelo banquete de reflexões. Esta mesa não se restringe a cadeiras, todos são convidados, sem hierarquias. Servem-se sem moderação, pois a digestão é o único abismo que a consciência investigará incessantemente.

O Doce e o Amargo das bebidas abrem o brinde desse banquete. Sem enxergar a luz diante de nós, esgotamos a última dose, cientes de que a moderação será a essência tanto da carne quanto dos ossos.

Platão, ao registrar o Banquete de Sócrates, nos brindou com a deleite da alegoria do Cisne. Conta que esse animal canta divinamente em seu último instante de vida, devolvendo à existência a Arte Melódica com sua máxima grandeza, uma colaboração suprema para os que ficam.

A Sabedoria, cuja etimologia insiste no saborear, expressa com ainda mais sentido o banquete ofertado pelos Mestres. Embora só se servia desse banquete os nobres senhores que ousaram sentar à mesa, atendendo ao convite versado em palavras garrafais, que ecoa entre os estreitos salões da existência.

Aos glutões de plantão, uma nota: O Banquete de Migalhas do "Banquete de Migalhas", não se limita na partilha, pois quanto mais se divide o alimento, mais alimento teremos sobre a mesa. Em proporções subatômicas, o alimento também estará servido. A quântica reserva molda a necessidade e a fome.

A receita é simples: "O que não se tem ou o que não se sabe, também a outro não se poderia dar ou ensinar". AGATON - O BANQUETE, PLATÃO.

Ouçam o eco dos salões silenciosos da existência, atendam ao chamado! É importante para cada um de nós essa partilha, as migalhas se estendem e formam o banquete, o Banquete de Migalhas é servido de reflexões. ✳

Um Profano Dentro do Templo

✳ Muitas vezes, só percebemos a importância de um momento depois que passamos por ele. É pesaroso pensar que não aproveitamos o suficiente e perdemos a possibilidade de estar por inteiro diante dele, permanecendo presente, enquanto nossa presença estava dividida entre um e outro momento. Nesses casos, estávamos em outro lugar, apesar de nosso corpo físico se colocar diante dos fatos.

Na frase adaptada de "Otelo", William Shakespeare registra "O passado e o futuro parecem-nos sempre melhores; o presente, sempre pior.". De algum modo, estamos presos em pensamentos e sensações do passado e vislumbrando algo para o futuro, e nesse intervalo, o Presente opera e passa efemeramente.

Na tarde desse Dia, em conversa com um Amigo e Irmão, ilustrávamos vários ensaios e percepções sobre esse tipo de situação, quanto tratávamos das atividades em família e com os amigos durante as festividades que tivemos recentemente. Surgiu diante disso uma imagem simbólica de nossa condição Maçônica, quando me dirigi a ele, de forma retórica, perguntando: "Qual seria o nosso Átrio diante desses momentos?".

É entendido que o Átrio antecede o Templo, e nele, refletimos, ponderamos e fazemos nossas preces. Pois antes de entrarmos ao Templo, o

passado e o futuro não nos pertencem mais, não estão para subjugar nossos pensamentos e sentimentos; decerto, que o presente é o nosso momento dentro do Templo, é pelos corredores do tempo que nos preparamos para ali estar.

E de igual forma, devemos identificar o Átrio dos Dias. É nos sutis detalhes que ele se encontra, antecedendo a conversa, o encontro, o abraço; é o fio do instante que antecede qualquer ação. É a conexão que nos leva ao outro, fundindo posteriormente no Templo do Presente.

Aquele que não passou pelo Átrio e não adentrou as portas do Templo, consideramos Profano. E, sabidos disso, consideramos que aquele que não se colocou por totalidade dentro das colunas do Templo, aquele que avançou o Átrio sem entender o seu propósito, apenas entrou fisicamente ao Templo, pois sua essência e seus pensamentos ficaram presos à dimensão do espaço fora das Colunas.

É com essa alegoria significativa e totalmente simbólica que devemos ilustrar a razão de considerarmos o sentido do Átrio, tanto do Templo Maçônico quanto do Templo de nossa existência. Que sejamos o presente para os presentes momentos.

Há um profano dentro do Templo, ele esqueceu de onde está, de onde veio; ele não se muniu das ferramentas, entrou despido sem

seu avental. Qual o seu nome? De onde veio? E por que ele esqueceu a Triplica Presente?

Esse pode ser qualquer um de nós quando nos permitimos ser engolidos pela trama dos pensamentos direcionados, passados e de ensaios do futuro. Quando não enxergamos o Espaço atribuído ao Átrio e a sua mensagem entalhada nos umbrais da Porta.

Serviremos do falso momento quando a hora chegar? Do abraço, do diálogo, do compromisso e afirmações?

Que nossas preces sejam ouvidas e o nosso presente seja a Obra atribuída tão quanto a arquitetada pelo Supremo Reparador dos Mundos. ✳



Hilquias Paiva Scardua, Grau 15 Cavaleiro da Liberdade dos Altos Graus do Rito Brasileiro

As Romãs

✿ Nenhuma outra fruta é assunto de tantos mitos e histórias como a romã. As muitas sementes excepcionalmente organizadas no seu interior e o seu aroma são uma imagem de perfeição, o reflexo das infinitas oferendas de Deus. A sua bela flor é símbolo do amor, tanto espiritual como físico, e as inúmeras sementes simbolizam a fertilidade. Na Grécia, os noivos são regados com frutos secos de romã durante a cerimônia de casamento; sendo que se uma fruta se quebra e as sementes se libertam, é um indicativo de boa sorte para os recém-casados. O fato de a romã ser usada como um enfeite de culto é confirmado pelos arqueólogos, assim como pelos textos bíblicos.

É uma fruta exótica e milenar, de alto cunho místico, considerada como símbolo da prosperidade e riqueza. É usada desde a antiguidade por diversas culturas. Aromã possui uma importância histórica grande, uma vez que faz parte do contexto cultural de muitos povos.

É provável que a romã seja originária das zonas montanhosas do Paquistão e do Irã. Esta árvore atingiu o Egito há já 3000 anos. É uma das mais antigas plantas cultivadas. No Egito era conhecida pelo nome de Anhmen e constituía um símbolo sagrado, usada nos atos litúrgicos iniciáticos e sobre o túmulo dos faraós. Pinturas em túmulos de cerca 2500 A.C. apresentam imagens de romãs, como por exemplo no túmulo de Ramsés IV. Sekhmet, a deusa egípcia da guerra, descrita sob a forma de um leão, bebia regularmente sumo de romã vermelho-sangue para ganhar força, razão pela qual ela adquiriu o poder de conquistar os inimigos dos deuses e dos governantes. Ela agia por meio de um fogo ardente; suas flechas e fervor eram uma arma mortal. Ela foi chamada na ajuda contra pessoas e poderes maus. Porém, Sekhmet não era apenas uma deusa da guerra, mas também deusa da medicina e da cura. Antigos médicos egípcios chamavam a si próprios 'profetas da (deusa) Sekhmet'; O perturbado faraó Amenófis III ordenou que centenas de estátuas de Sekhmet fossem erigidas em torno dos templos de Karnak. Como ela era uma deusa-leão, era apresentada como um leão ou uma mulher com uma cabeça de leão, com um halo brilhante em seu redor. O sol partilha com a romã todos os tons de vermelho. Força, coragem e poder são os seus atributos.

Em hebraico a romã chama-se Rimmôn. É uma das plantas, que na tradição israelita, que por ela Deus abençoou a terra santa. E ainda, para os judeus, a fruta simbolizava a esperança de que o ano novo que se iniciava seria melhor do que o que se passara. No quinto livro de Moisés no Antigo Testamento, podemos ler: 'o Senhor teu Deus te trouxe para uma terra boa (...) uma terra de trigo e de cevada, de vinhas, figueiras e romãzeiras...' (Dt 8, 7-8). Espiões, que Moisés enviou a Canã, além de uvas também trouxeram romãs, (Dt 13,23). A Terra Santa Prometida é 'uma terra de trigo e de cevada, de vinhas, figueiras e romãzeiras, uma terra de oliveiras com óleo e de mel.' (Dt 8,8). E o deserto é descrito como '... nenhum lugar de sementes, nem de figos, nem vinha, nem de romãs.' (Num 20,5). Para a arqueologia bíblica, é particularmente interessante que tenha sido encontrado um enfeite em marfim, moldado como fruto da romã. É possivelmente o único objeto de culto encontrado no primeiro templo em Jerusalém. Está conectado com a figura bíblica de Salomão (século 10 A.C.). A inscrição no ornamento indica que é uma dádiva de sacrifício.

Qual é o significado deste 'símbolo' romã? No mundo antigo, esta fruta estava intimamente conectada com a reprodução e a fertilidade. Na escrita pictográfica, canções de Salomão comparam a beleza da mulher com a forma redonda da romã. O seu saboroso sumo vermelho é o néctar dos amantes e, o perfume das suas flores é um arquétipo da fonte-da-vida e da sua gentileza. No capítulo 4.º, versículo 3.º, lemos: 'Teus lábios são como um fio escarlate e o teu discurso é gracioso: tuas têmporas são como pedaços de romã entre os teus cabelos.'

Era comum que os sinos dourados que decoravam os templos tivessem a forma de uma romã, arranjos interiores, bordados, os capitéis das colunas, os panos dos sacerdotes eram decorados com imagens da romã. As uvas e as romãs eram um símbolo de riqueza e de fertilidade da terra. Alguns pesquisadores suspeitam que a árvore da romã teria sido a árvore da vida no Jardim do Éden. Não é impossível, tendo em consideração o fato de que ela era amplamente difundida e os diversos significados a ela associados. Quem investiga os segredos da romã descobrirá uma multiplicidade de sementes num fruto apenas. A unidade de Deus e a dimensão da criação são um sinal evidente para eles. Todo os anos, no dia 15 do mês de Shevát, os judeus comemoram o dia de Tú B' Shevát, onde dentro de uma ritualística própria são consumidas romãs e outras frutas apropriadas. Na comemoração do Rosh Hashanah, muitos judeus recitam esta bênção especial envolvendo a romã: 'Que seja Tua vontade, Senhor nosso Deus e Deus de nossos antepassados, que nossos méritos sejam tão abundantes quanto as sementes de romã.'

No Novo Testamento, a romã era um símbolo de pureza e de inocência da Mãe de Jesus. Na Idade Média, tornou-se o cetro, símbolo da força do governante. Muitos governantes foram retratados com um cetro, associado à forma da romã. O imperador Maximiliano I foi retratado por Durer apresentando uma romã cortada na mão esquerda. O Cristianismo coloca a romã como símbolo da virgindade de Maria; a sua flor é uma representação da chama do amor. A romã com uma cruz é um símbolo usado em muitas torres de igreja. A romã é também um símbolo do amor cristão. Na maioria das vezes apresenta-se aberto, o que simboliza 'dar aos outros'. Uma cruz nasce do fruto simbolizando o amor e libertação. Num passado distante, a planta foi amplamente difundida por todo o Mediterrâneo. A romã tornou-se muito importante para os costumes dos sírios e fenícios. Na mitologia grega é considerada um símbolo de fertilidade e foi atribuída a algumas deusas (Demeter, Perséfone, Afrodite, Atena). Alegadamente, Afrodite plantou-a em Chipre e Odisseu encontrou-a no palácio de um rei fenício. A fertilidade está simultaneamente ligada à morte, uma vez que incontáveis 'mãe-deusas' também foram adoradas como governantes do mundo dos mortos e senhoras da guerra. Tal como Perséfone, filha de Deméter - deusa da Terra - ela poderia deixar o submundo apenas por um curto período de tempo e, só após ingerir três sementes de romã. Uma história sobre a romã emana de um grupo de divindades orientais, Dionísio e Cibele, que fala sobre Agdistis, uma criatura com traços de ambos os sexos. Dionísio castrou Agdistis, que adormeceu bêbedo. Uma árvore de romã cresceu de seu sangue e o seu fruto provocou a gravidez de Nana e Átis.

Em Roma, a romã era um símbolo de ordem e riqueza. Os romanos importaram a romã principalmente a partir da colônia fenícia de Cartago, no norte de África e, é por isso que eles a chamam de maçã fenícia (*punicum Malum*), ou de maçã semente (*granatum Malum*), a partir das sementes dentro do fruto. O adjetivo 'punicus' refere-se normalmente aos fenícios da Ásia Menor, mas também era usado pelos romanos para identificar os fenícios na colônia de Cartago, no norte de África. O nome botânico de uma espécie 'punica' é uma forma feminina desse adjetivo. Em Roma, o fruto da romã na mão da deusa Juno foi um símbolo de união. Esta árvore, por causa das suas flamejantes flores vermelhas, representava o amor, o casamento e a fertilidade. As noivas usavam guirlandas feitas com galhos

de romã em flor.

Os persas, depois seguidores de uma religião iraniana do fundador Zaratustra, construíram vassouras sagradas feitas de galhos de árvores da romã. Este fruto também era importante no nascimento e na morte. Os recém-nascidos eram agraciados com um cordão para acompanhá-los durante toda a vida. Durante esta cerimônia, as sementes de romã eram atiradas ao ar. E, no leito de morte, sumo de romã era dado de beber aos moribundos persas. Ardivi Sura Anahita, a deusa iraniana de todas as águas e da fertilidade, é apresentada com uma flor de romã sobre os seios.

Na cultura libanesa, a romã não pode faltar na mesa do Natal, e tem a simbologia de união de todos os homens e mulheres do mundo por causa de suas sementes muito juntas.

Também no Budismo, a romã é considerada como um dos frutos sagrados. Na alquimia, ela foi considerada como uma fruta que prolonga a vida. Para os representantes da alquimia chinesa, este sumo avermelhado brilhante era 'alma concentrada' e trouxe longevidade e até mesmo imortalidade.

No Brasil, a romã chegou através dos portugueses. Aqui se acha dois tipos de romã (a vermelha e a amarela). A amarela é nacional, ela tem maior quantidade de sementes do que a vermelha, e a sua casca é mais grossa. No sabor não há diferença. As sementes têm gosto meio ácido.

Hoje sabemos que a "Punica Granatum" (nome científico da romã), é uma fruta que tem relevantes capacidades medicinais, que já eram anunciadas desde a antiguidade. Sabe-se que a romã é uma fruta antioxidante, mineralizante e refrescante. Ela possui propriedades úteis no combate a doenças cardíacas, para enxaquecas, para febre, para afecções nos olhos, como vermífugo e atua na prevenção do envelhecimento. Segundo o herbário chinês, a romã aumenta a longevidade. Ela possui substâncias antioxidantes e antiinflamatórias que ajudariam no tratamento de várias doenças. É abundante em água, tem baixa quantidade de gorduras e pouquíssimas calorias. Rica em potássio, cálcio, ferro e fósforo. E tem ainda, minerais como, magnésio e sódio. Também possui vitamina A, tanino e vitaminas do complexo B, como a B6, e ácido pantotênico, e ainda, vitaminas C e E.

Segundo pesquisas realizadas nas Universidades de Harvard e da Wisconsin-Madison, a romã possui uma quantidade surpreendente de antioxidantes de primeira linha (um deles é o ácido elágico, responsável pela cor vermelha das sementinhas). Um desses poderosos antioxidantes naturais, que é um tipo de flavanóide mais eficiente na prevenção de problemas cardíacos e de

colesterol do que os existentes no tomate, na casca da uva e no chá verde. Por isso, a romã é capaz de neutralizar quase duas vezes mais radicais livres que o suco de uva e seus derivados, e sete vezes mais que o chá verde. Ou seja, é realmente poderosíssima contra o envelhecimento.

Além disso, pesquisas de Harvard e de Queen Margaret University, em Edimburgo, na Escócia, demonstraram ser o fruto da romãzeira um poderoso afrodisíaco, para quem consumir seu suco com regularidade. Diz-se que Salomão, com seu harém de mais de 700 esposas, fazia uso regular do vinho de romã. Por melhorar a vascularização, irriga melhor os órgãos sexuais. Existem artigos científicos que atestam o estímulo da libido em homens e mulheres, durante o período que tomam o suco concentrado de romã, além de outros benefícios como a melhoria do humor, da memória e o alívio do estresse.

A romã é uma fruta de extrema importância no inconsciente coletivo, sendo citada por William Shakespeare em "Romeu e Julieta", entre outros clássicos da literatura.

Da romãzeira aproveita-se praticamente tudo. A indústria química utiliza a casca do tronco na fabricação de tintas, adubo e para auxiliar a curtir couros e peles, devido à grande concentração de tanino e alcalóides, completados por outros princípios ativos.

Assim, na Maçonaria, podemos verificar que as três romãs entreabertas, no átrio, junto à porta do templo, em cima das colunas remetem a grandes significados. Essas frutas citadas 11 vezes no velho testamento, representam as lojas maçônicas, enquanto suas sementes os maçons espalhados pelo mundo. A forma como estão unidas lembra a harmonia, a fraternidade e a união que deve existir entre os maçons e todos os homens para servir à humanidade. A flor da romãzeira, na sua cor rubra, representa a chama do entusiasmo que conduz o neófito ao seu destino, iluminando sua jornada. As cores verde, amarela e vermelha da casca do fruto representam os reinos vegetal, mineral e animal. A união simbolizada pela membrana branca que une as sementes é a sinfonia de todas as cores. Em especial, a harmonia do formato de todos os grãos e sua uniformidade, indica que todos os maçons são iguais perante o S.:A.:D.:U.: e que só com amor fraterno e paz é que se consegue união para o crescimento dos irmãos e das lojas. Outra interpretação dos grãos tão apertados uns contra os outros seria a sua semelhança com um favo de mel, lembrando as abelhas que, como os maçons, lutam sem descanso.

O simbolismo da Romã é um legado judaico à

nossa Ordem, antes mesmo de Salomão usa-las para decorar o Templo (Livros de Reis e Jeremias), já faziam parte dos adornos das vestes do Sacerdote Aarão, "Ao redor da barra inferior, colocam romãs de púrpura violeta..." (Êxodos 28,33). A tradição judaica diz que a quantidade de sementes da Romã representa a palavra de Deus como alimento espiritual.

Apesar de ser a única fruta relacionada à Maçonaria, muito pouco estudamos sobre esta maravilha. Por mais que falemos que as romãs representam as Lojas, os Maçons, a fraternidade, um único propósito, união, prosperidade, abundância, que elas são o adorno das Ccol.: etc; tudo isso ainda é muito pouco, uma vez que a sua simples observação nos remete a grandes reflexões.

Devemos sim, com os olhos de Maçom, observar a Romã e incorporar em nossa conduta o ensinamento de que apesar de diferentes as sementes se mantêm unidas "ombro-a-ombro"; que apesar de terem vários ângulos (visões diferentes) elas se apóiam em uma perfeita união; que são centenas e como nós se espalham pelos quatro cantos da terra.

Além disso, vale a interpretação do Talmud quanto ao simbolismo da Romã: "Mesmo o mais vazio entre vocês, estará cheio de boas ações, assim como uma romã está sempre cheia de sementes" ou seja, não importa o tamanho (o aspecto material) da romã, haverá sempre dentro dezenas de sementes (o aspecto espiritual). No nosso caso, não importa o que somos, qual nosso Grau ou nosso cargo, há dentro de nós dezenas de bons princípios que devem ser semeados e cultivados em nós e na sociedade em que vivemos.



Eminente Irmão Jorge Tadeu Vieira Lourenço, 33º